

COMUNICAÇÃO E CIRCULAÇÃO ENTRE A IDADE MÉDIA E A MODERNIDADE:
DEBATES, RECONFIGURAÇÕES E ANÁLISES SOBRE UMA TEMPORALIDADE EM
CRISE (SÉCS XII-XVII)

Trocas epistolares e saberes médicos: a circulação de físicos e os cuidados com a saúde da família real na Coroa de Aragão (Séculos XIII – XIV)

*Epistolary correspondence and medical knowledge: The circulation of physicians
and the health care of the royal family during the Crown of Aragon (13th-14th
centuries)*

Maria Dailza da Conceição Fagundes

Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, GO, Brasil

RESUMO: Neste artigo, propõe-se a partir do estudo de missivas que integram a correspondência oficial da Coroa de Aragão analisar a comunicação e a atuação de físicos nos cuidados com a saúde do monarca Jaime II e sua família. No mapeamento dos profissionais do campo médico que atenderam ao rei, selecionamos dois homens de saber que integraram o mesmo espaço de formação, a Faculdade de Medicina em Montpellier: Arnaldo de Vilanova e Guillem de Béziers. Assim, considerando a perspectiva das histórias conectadas, o foco da abordagem centra-se no estudo dos deslocamentos em várias cidades do reino de Aragão e da relação desses dois físicos com o rei Jaime II. Do mesmo modo, as cartas foram analisadas observando a circulação de saberes, escritos médicos e elementos ligados à preocupação régia com questões atinentes ao campo da Medicina.

PALAVRAS-CHAVE: correspondência; circulação; físicos; saúde; Coroa de Aragão.

ABSTRACT: The aim of this article, based on the study of missives that are part of the official correspondence of the Crown of Aragon, is to analyze the communication and work of physicians in the health care of the monarch Jaime II and his family. To map the medical professionals who attended

*E-mail: maria.fagundes@ueg.br
<https://orcid.org/0000-0001-9974-041X>

to the king, it was selected two men of knowledge who were part of the same training ground, the Faculty of Medicine in Montpellier: Arnaldo de Vilanova and Guillem de Béziers. Thus, considering the perspective of connected histories, the focus of the approach centers on the study of the displacements in various cities of the kingdom of Aragon and the relationship of these two physicists with King James II. Likewise, the letters were analyzed by observing the circulation of knowledge, medical writings, and elements linked to the royal concern with issues relating to the field of medicine.

KEYWORDS: *correspondence; circulation; physicists; health; Crown of Aragon.*

Introdução

A proposta deste artigo é analisar os fenômenos de comunicação e de mobilidade de físicos e ideias em diferentes cidades do reino de Aragão e outros espaços da Cristandade entre os séculos XIII e XIV, incluindo a esfera do mar Mediterrâneo. Nesse contexto, a circulação de pessoas e livros médicos pelo território aragonês é identificada a partir dos registros presentes em várias missivas da correspondência oficial da Coroa que integram a *Cancilleria real*. A esse respeito, as cartas assumem um papel direto de comunicação envolvendo normalmente o remetente e o destinatário.

No Arquivo da Coroa de Aragão, em Barcelona, encontram-se as cartas reais (nº 201 – 2600) do monarca Jaime II (1291-1327). Durante o seu reinado, em 1318, ordenou a criação do arquivo com a cópia de todos os documentos em séries temáticas de registros. Além dos documentos administrativos, o conjunto reúne contas dos tesoureiros, processos, relações de embaixadores, contratos de casamentos de suas filhas e cartas familiares recebidas.

Assim, o *corpus* documental estudado está circunscrito a um conjunto de cartas redigidas no intervalo de 1293 a 1308 e que integram a correspondência oficial da Coroa Aragonesa. Metodologicamente, nas missivas, nota-se o uso de regras sociais, linguísticas e estilísticas comuns nas trocas epistolares medievais (Oudin, 2008). Dentre os elementos analisados nas cartas, mormente compostas em latim, idioma utilizado na correspondência oficial da Coroa, e também em catalão, identifica-se a hierarquização do remetente e do destinatário. Além disso, quanto aos aspectos internos, apresentam uma estrutura uniforme: título; saudação; exposição do assunto; disposição e data. As cartas exibem conteúdos relacionados aos pedidos do monarca para que o físico Guillem de Béziers se deslocasse, sobretudo dentro do reino de Aragão para cuidar da saúde da rainha, do rei e dos infantes. Outras missivas são endereçadas a Arnaldo de Vilanova, solicitando, principalmente, deslocamentos de Montpellier até a corte aragonesa por questões referentes ao campo médico do monarca e para acompanhar os partos da rainha dona Blanca.

A palavra *physis*, raiz grega da palavra “físico”, refere-se à natureza (interna e externa) e está ligada à constituição humana. Essa noção é identificada em escritos médicos medievais que estabelecem a correspondência entre o corpo e a natureza (interna e externa) do paciente. Desse modo, o homem, como parte da *physis*, não poderia ser compreendido sem ela. É com base nessa premissa que o físico Arnaldo de Vilanova, em seu *Tractatus de Intentione Medicorum*, afirma que “a intenção da Medicina é, evidentemente, a conservação da disposição natural do corpo humano – que é chamada de saúde ou de temperamento natural” (Arnaldo de Vilanova, 1290, Tratado I, p. 100). Em relação à função esperada do físico, nesse escrito, Arnaldo de Vilanova ressalta que o objetivo do médico deve ser sempre adotar preceitos destinados à conservação da saúde do paciente.

Assim, no contexto em estudo, por físico, entendia-se os especialistas no conhecimento da *physis* (natureza) do corpo humano. Nesta perspectiva, ao longo deste artigo será utilizado o termo físico

(*physicus*), compreendido como o especialista da arte de manter a saúde e também de prevenir e curar as doenças.

Com isso, nossa proposta está pautada no estudo das mobilidades de físicos na Coroa de Aragão durante o reinado do monarca Jaime II a partir das trocas epistolares. A maior parte dos deslocamentos registrados nas cartas demonstra uma integração do espaço mediterrânico a partir da circulação de objetos e profissionais do campo da Medicina. A esse respeito, Sijpesteijn (2019, p. 182) afirma: “Conforme produtos, ideias e pessoas se moviam ao redor do Mediterrâneo, gostos, condições, preferências e necessidades causavam forte impacto, possibilitando o surgimento de formas culturais partilhadas, mas ao mesmo tempo, regionalmente distintas”.

Num primeiro momento, as cartas selecionadas foram analisadas com o intuito de compreender a comunicação entre a Coroa de Aragão e os físicos de diferentes localidades. No entanto, mais do que a troca de notícias, as epístolas nos permitem compreender o movimento e a mobilidade de pessoas em uma sociedade, possibilitando conexões no espaço envolvendo objetos, ideias e pessoas. Nesse aspecto, conforme aborda Cândido da Silva (2020), a história global torna-se uma importante ferramenta para o estudo da sociedade medieval mediante conexões e o compartilhamento de histórias e espaços culturais.

Pensar a circulação e a comunicação significa, portanto, afastar-se de uma lógica em que só se analisa o resultado final ou o caminho final percorrido. As circulações são importantes em si e auxiliam na elaboração de uma história conectada. Dessa forma, algumas das consequências de se pensar a partir da noção de comunicação e circulação ficam claras: desenha-se uma outra expansão territorial, uma vez que se pensa em termos de redes, que podem ser ou não contínuas e alteram-se as lógicas espaciais (o Mediterrâneo, a Eurásia, a inclusão do mundo africano). Rompe-se com a história nacional ao se propor uma lógica de conexões, criando outras unidades políticas, algo fundamental para a compreensão do período medieval. (Cândido da Silva, 2020, p. 12).

Nesta perspectiva, dentro da presente análise, destaca-se o estudo a partir da história global, perspectiva historiográfica que considera as conexões e a mobilidade de pessoas, ideias, objetos e instituições. Não significa estudar a história de tudo no mundo todo, mas como afirma Jurandir Malerba (2019), é a pesquisa voltada para as histórias conectadas, as mobilidades e as integrações, rompendo, assim, com a noção de centro e periferia. Mediante o exposto, o Mediterrâneo medieval pode ser compreendido pela perspectiva global que possibilita o estudo das relações entre o todo e as partes a ele interligadas e considera a integração e as conexões entre os diferentes povos em suas margens. Assim, por esse ponto de vista, valoriza-se a existência de múltiplos centros e sociedades plurais.

O autor Kenneth Pomeranz (2013), em seu estudo sobre a China e a Grã-Bretanha pelo viés econômico, para além do método comparativo que normalmente é associado à identificação de semelhanças e diferenças, propõe uma abordagem global centrada nas conexões preexistentes desses países com outras localidades. Quanto à história comparada, ressalta-se a necessidade de não definir um dos lados como modelo, ou seja, não adotar a noção de centro-periferia. Nessa perspectiva, afirma ainda que “nossa percepção de um sistema interativo do qual uma parte beneficiou-se mais do que as outras não justifica que se chame a essa parte o ‘centro’ nem que se parta do princípio de que ela é a moldadora não moldada de todo o resto” (Pomeranz, 2013, p. 27).

A esse respeito, na concepção de Marcos Santos (2020), o estudo de Kenneth Pomeranz recebe críticas por ter uma visão econômica pautada ainda em alguns momentos no método comparativo. No entanto, do ponto de vista metodológico, ao se considerar que a pesquisa de Pomeranz apresenta uma perspectiva não eurocêntrica, possibilita uma abordagem global do capitalismo. Além disso, contribui para análises do “mundo moderno policêntrico, pautado em redes amplas de comércio” (Santos, 2020, p. 125).

Em relação às discussões sobre a história global, Sanjay Subrahmanyam (2012), ao pesquisar as experiências imperiais portuguesas da época moderna, questiona: “Quais eram os grandes fenômenos que uniam o globo na época moderna, tornando possível a povos que viviam em partes diferentes do mundo imaginar pela primeira vez, ainda que de forma desigual, a existência de processos a uma escala realmente global?” (Subrahmanyam, 2012, p. 114). A partir de sua problemática, o historiador apresenta em sua abordagem um conjunto de fenômenos que atuaram a uma escala global com impactos no âmbito cultural, social e políticos entre os séculos XV e XVII, marcados pelas conexões de vários espaços (Índia, Turquia, Pérsia, Portugal, Inglaterra, etc.), evitando o estabelecimento de polos em que um seria determinando, centro e os demais periferia. Nessa perspectiva, além da articulação entre diferentes localidades, sua proposta de análise fornece um modelo de história conectada que se centra no estudo da circulação de bens materiais, navios, pessoas, ideias e práticas culturais.

Destarte, a proposta deste artigo tem como foco o mapeamento das circulações dos físicos Arnaldo de Vilanova e Guillem de Béziers em cidades do reino de Aragão e outros espaços da Cristandade. No contexto em estudo, séculos XIII e XIV, identifica-se, a partir da análise da correspondência oficial da Coroa de Aragão, a circulação não somente de pessoas, mas de saberes e de livros do campo médico.

No século XIII, a ascensão da Medicina aconteceu no interior dos centros intelectuais do período: os *Studia Generale*. Os dois físicos em análise têm em comum a mesma formação na Faculdade de Medicina na Universidade de Montpellier que forneceu o embasamento teórico de matrizes antigas e árabes, tais como Hipócrates, Galeno, Avicena, Al-Razis, etc. Nessas instituições, o saber médico apropriou-se de parte significativa do pensamento e da ciência médica greco-árabe e assumiu definitivamente a condição de *scientia*, sendo considerado, portanto, como um tipo de conhecimento demonstrado pela razão. Foi tido também como uma *doctrina*, um conjunto de conhecimentos que poderia ser adquirido pela instrução formal, que, nos ambientes universitários, repousava sobre o método escolástico. Os físicos, ao exercerem o ofício de mestre nas universidades, apoiavam-se num conjunto de textos (gregos e árabes) definidos como *auctoritates*¹ (Nutton, 2006; Wallis, 2000; Hamesse, 1998).

Assim, houve uma abordagem racional da saúde e da doença, fenômenos que afetavam o corpo humano, mas, graças ao conhecimento de seu processo de ação, era possível prescrever tratamentos e até mesmo medidas para evitar as enfermidades. As discussões e os resultados práticos dessas reflexões realizadas no âmbito das universidades despertaram o interesse dos dirigentes políticos que passaram a se preocupar com a saúde do reino. Nesse sentido, os monarcas, como o rei Jaime II de Aragão, perceberam a importância de investir na Medicina acadêmica, seja na construção de universidades ou na contratação de profissionais formados nesses centros de saber (Garcia-Ballester, 2004; 2001).

Partindo dessa premissa, compreende-se que, no contexto em estudo, as autoridades régias atribuíam ao físico, treinado na arte médica nos centros de saberes, um importante papel para a melhor saúde do reino ou da cidade. Em face disso, os reis não somente contrataram físicos com a formação universitária, mas também ampliaram a demanda por saúde, tão necessária entre a população nos espaços do Mediterrâneo europeu a partir do século XIV (Garcia-Ballester, 1993; Mcvaugh, 1993).

Na corte de Jaime II de Aragão, estavam presentes vários intelectuais que exerciam o ofício de Medicina e que possuíam a formação em importantes centros de saberes da época. Assim, nesse meio, houve a constante circulação de físicos, como Arnaldo de Vilanova e o seu sobrinho Ermengol Blasi, além de Giovanni Rayner, Guillem de Béziers, Martí de Calça Roja, João Amell, etc.

Dentre esses profissionais, priorizamos o estudo de dois físicos que possuíam em comum a formação na Faculdade de Medicina em Montpellier e desempenharam importante papel no reino aragonês: Arnaldo de Vilanova e Guillem de Béziers. O catalão Arnaldo de Vilanova, natural da cidade de Valência, exerceu duas atividades: a de físico do rei e de sua família e a de embaixador da Coroa de Aragão em missões diplomáticas fora do reino. Sua trajetória nesses dois campos de atuação, elaborada a partir da Correspondência Oficial da Coroa de Aragão, inicia-se no ano de 1291 – começo do

reinado de Jaime II e momento em que o físico catalão já se encontrava na Escola de Medicina, em Montpellier – e finaliza-se em 1311, ano de seu falecimento.

Outro físico presente na corte de Jaime II foi Guillem de Béziers, que nasceu na cidade de Béziers, no reino francês, e faleceu em Montpellier em 8 de dezembro de 1322. Por volta de 1290, estudou Medicina em Montpellier. Pela análise das cartas, nota-se que entre 1301 e 1305 atuou no reino de Aragão como mestre na Universidade de Lérida, físico e embaixador do rei Jaime II (Mcvaugh, 2003).

Este artigo, estruturado em duas partes, aborda, a partir da análise das cartas que integram a Correspondência oficial da Coroa de Aragão, primeiramente, a atuação do físico Arnaldo de Vilanova nos cuidados com a saúde da família real e enquanto agente da diplomacia régia aragonesa. A segunda parte centra-se no estudo do físico Guillem de Béziers na condição de mestre de Medicina na Universidade de Lérida e em suas viagens para atender o rei Jaime II e a rainha dona Blanca em questões atinentes ao âmbito médico.

Comunicação, circulação e relações do físico Arnaldo de Vilanova com a corte aragonesa

Jaime II, o Justo nasceu em 1267, em Valência, e, em 1291, com o falecimento do seu irmão, o rei Afonso, o Liberal (1285-1291), assumiu a Coroa de Aragão e governou até 1327. Pela análise das missivas escritas durante o seu reinado, nota-se o seu interesse por assuntos ligados à Medicina, seja investindo na construção, no reino, em 1300, da Universidade de Lérida com a Faculdade de Medicina, contratando físicos com formação acadêmica, ou adquirindo cópia de obras médicas.

O físico catalão Arnaldo de Vilanova mantinha estreito vínculo com a família real aragonesa, sobretudo nos reinados de três monarcas: Pedro III (1276-1285), Afonso III (1285-1291) e Jaime II (1291-1327), mantendo relação pessoal e profissional com a dinastia da Coroa de Aragão durante 30 anos, de 1281 até a sua morte em 1311. No que se refere aos dois primeiros reis, Arnaldo exerceu o ofício como físico permanente na corte, fixando residência em Barcelona e depois em Valência, sua cidade natal. Quando Jaime II assumiu o trono em 1291, após a morte de seu irmão Afonso III, Arnaldo já não se encontrava em terras aragonesas, pois passou a ocupar o cargo de mestre na Faculdade de Medicina em Montpellier. Nas cartas, observa-se que o monarca constantemente tentava contratar um físico para viver em Barcelona e cuidar de sua saúde e de sua família.

Em 1299, considerando o quadro crítico de sua enfermidade crônica, as hemorroidas, Jaime II intensificou a procura por um físico que atendesse permanentemente a família real. Além da preocupação com o agravamento de sua doença, o rei necessitava também de acompanhamento médico para a rainha dona Blanca durante a gravidez. No entanto, somente a partir 1306, o rei passou a ter supervisão médica permanente até a sua morte em 1327 com a atuação de dois físicos Martí de Calça Roja e Joan Amell (Panigua; Ballester, 1996, p. 868).

Durante um quadro complicado da enfermidade do monarca, em 1305, o físico responsável pelos cuidados com a sua saúde, Ermengol Blasi, sobrinho de Arnaldo de Vilanova, receoso de atendê-lo, solicitou a presença do seu tio que se encontrava em Marselha (França), após retornar de uma estadia na corte de Frederico III. Nas palavras do monarca Jaime II, em carta endereçada ao físico catalão, observam-se a alegria, o respeito e a confiança depositada num profissional médico que, há mais de 20 anos, acompanhava-o e cuidava de sua saúde e da família real.

Ao venerável e sábio mestre Arnaldo de Vilanova, nosso dileto conselheiro, médico e amigo. Nosso espírito deleitou-se e sobreveio a nossas afeições uma abundante alegria, quando soubermos de seu retorno a estas terras, e desejamos fervorosamente que vossa presença estivesse conosco. Pois tanto por estes motivos quanto porque vos sentimos necessário e vemo-vos útil

para a cura e a conservação de nossa saúde, quanto o nosso dileto médico e amigo, o mestre Ermengol Blasi, diz que não quer proceder estas coisas sem a vossa presença, para que possa observar e conservar corretamente as condições e procedimentos dirá cura e conservação de nossa saúde [...] apressai especialmente sua chegada porque a demora, como Deus nos adverte, poderia facilmente aumentar o perigo. Dada em Barcelona, em 7 de abril de 1305. (Cartas Régias I, Barcelona, 7/04/1305, p. 880).

Ao analisar o itinerário de Jaime II, observa-se que o rei seguia as recomendações do físico catalão, pois, além de procurar adotar, na prática, o regime dietético por ele proposto, em momentos de complicação de sua doença crônica que deixava seu corpo debilitado e dificultava sua vida itinerante, como registrado na carta acima de 1305, mesmo tendo outros físicos cuidando de sua saúde, sentia mais segurança se Arnaldo estivesse presente. A esse respeito, observa-se que o monarca diminuiu as constantes viagens, passou a celebrar cortes quando as circunstâncias solicitavam e a ditar ordens reais nas residências em que se estabelecia por mais tempo (Martínez Ferrando, 1948, p. 26).

No itinerário régio, nota-se que, em relação aos três primeiros meses do ano de 1305, Jaime II estava em constantes viagens com curtas estadias em várias cidades de seu reino. Todavia, a partir de 26 de março desse ano, devido às complicações com a sua doença crônica e seguindo os conselhos de Arnaldo que recomendou diminuir as viagens, estabeleceu-se em sua residência em Barcelona, permanecendo ali por sete meses. Somente a partir de 15 de outubro, viajou para a França (Montpellier e Perpignan) e cidades do reino, como Gerona, Barcelona, Lérida e Saragoça. Além disso, observa-se que o rei seguiu a orientação não somente no momento de crise da enfermidade, pois, nos anos seguintes, mesmo retomando uma vida itinerante, permaneceu mais tempo em cidades como Barcelona, Valência, Saragoça, Lérida, Montblanc e Daroca, dentre outras (Estal, 2009, p. 289- 307).

Assim, no contexto em análise, período compreendido entre os anos de 1291 e 1306, vários físicos circularam pelo reino de Aragão cuidando da saúde do monarca, mas sem ocupar em caráter contínuo o cargo de físico real. Durante a ausência de físicos com formação universitária para atendê-lo, o rei solicitava a presença na corte de Arnaldo de Vilanova, que na época encontrava-se em Montpellier.

Primeiramente, considerando a análise das circulações do físico catalão, nota-se a sua presença na corte aragonesa para o exercício da Medicina nos cuidados com a saúde da família real. Além disso, identifica-se, a partir da sistematização do seu itinerário das viagens, a concentração dos deslocamentos do físico mormente para Barcelona e Valência, cidades mediterrânicas em que Jaime II tinha estadia mais prolongada. Outros espaços onde o rei permanecia por mais tempo eram Zaragoza, Gerona, Lérida e Tortosa.

Em 1295, Jaime II casou-se com Blanca de Anjou (1283-1310), filha de Carlos II (1285-1309) de Nápoles. Dos 15 anos de matrimônio, tiveram 10 filhos.² A maioria dos infantes nasceu em Valência e é para essa cidade que notamos nas cartas o pedido o comparecimento do físico Arnaldo de Vilanova. A primeira missiva, escrita em Barcelona, em que é registrado o pedido da presença do físico catalão, que se encontrava em Montpellier, para cuidar da saúde do monarca é datada de 8 de abril de 1293. Posteriormente, é possível associar as viagens para as cidades de Barcelona ou Valência com a necessidade de acompanhar os partos da rainha D. Blanca: 1297 (infanta Maria), 1299 (infante Alfonso), 1300 (infanta Constança), 1302 (infante Juan).

Predomina, como ponto de partida para as viagens, a cidade de Montpellier, onde Arnaldo de Vilanova residia devido a sua atuação como Mestre na Faculdade de Medicina, e tinha como destino principalmente as cidades de Barcelona e Valência, onde a rainha tinha sua estadia prolongada. Em relação aos seus deslocamentos para atuar durante os nascimentos dos infantes, a exceção entre os destinos das viagens refere-se ao ano 1299, pois Jaime II e D. Blanca encontravam-se em Nápoles. Nesse sentido, o físico catalão deslocou-se de Montpellier para essa cidade e ali permaneceu durante

algumas semanas até o nascimento do infante Alfonso. Além disso, em 1303, retornou para Nápoles visando prestar serviços médicos ao sogro do monarca de Aragão, rei Carlos II (1285-1309) (Cartas Régias II, 1303, p. 268, 272; Estal, 2009, p. 78-80).

Assim, pela análise das cartas que apresentam um panorama do itinerário de Arnaldo de Vilanova, especificamente as relacionadas ao seu ofício médico, é possível distribuir os deslocamentos do físico em dois períodos principais: o primeiro de 1297 a 1302, com o predomínio de viagens de Montpellier para o reino de Aragão; o segundo, para outros espaços, principalmente em cidades na Itália. Considerando como elemento comum entre os dois momentos, ressalta-se que a maioria das viagens e da comunicação ocorre a partir do espaço mediterrâneo.

Nos séculos XIII e XIV, a Coroa de Aragão expandiu seu território para regiões da costa mediterrânea, como as ilhas Baleares, a Sardenha e a Sicília. Além disso, no contexto da Guerra de Reconquista contra os mouros, promoveu a expansão para o mundo muçulmano, com a conquista de Valência, em 1240, e Múrcia, em 1304. Nesse sentido, havia um interesse pelo domínio sobre o mar Mediterrâneo envolvendo interesses comerciais e também por ser o principal lugar de deslocamentos da Coroa Aragonesa.

Na figura 1, observa-se a circulação de Arnaldo de Vilanova, partindo principalmente de Montpellier para as cidades aragonesas como Barcelona, Valência e Gerona. Nota-se, ainda, como destino das suas viagens: Messina na Sicília, Nápoles, Roma, Perugia, Gênova, Scúrcula, etc. Os deslocamentos aconteciam principalmente pelo mar Mediterrâneo, conforme se observa na representação de cinco viagens do físico catalão, realizadas no período de 1297 a 1302, identificadas no mapa a seguir:

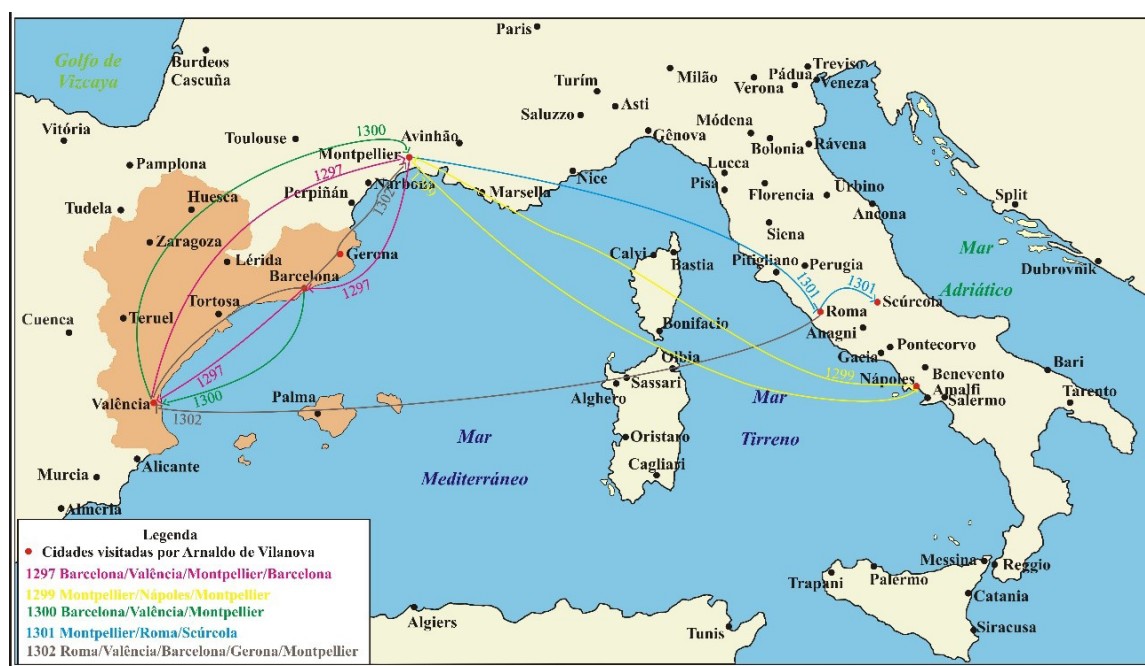


Figura 1 – Viagens de Arnaldo de Vilanova ligadas ao seu ofício de físico (1297-1302).

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Correspondência Oficial da Coroa de Aragão.

No Medievo, o mar Mediterrâneo na condição de espaço de relações, embates e influências, exerce o papel de protagonista e articulador dos povos da África, Ásia e Europa que mantinham conexões entre si. É compreendido, portanto, como espaço geográfico de diferentes culturas, possibilitando o

estudo da história medieval pela perspectiva global de conexões entre as sociedades às suas margens. Nesse sentido, ao analisar as trocas humanas em que o Mediterrâneo tem protagonismo, compreende-se que esse mar “é um espaço de relações, de embates e de forte influência sobre os destinos continentais” (Almeida, 2019, p. 8).

As cartas tornam-se fontes fundamentais para mapear as mobilidades e as circulações do físico catalão. No mapa a seguir, observa-se um predomínio nos deslocamentos tendo como destino as cidades de Nápoles, Perugia, Messina, Roma etc. Ainda se registram viagens para o reino de Aragão, mas há uma diminuição, considerando a presença, mesmo que temporária, de físicos na corte aragonesa e, a partir de 1306, a existência dos dois físicos assumindo permanentemente a tarefa de cuidar da saúde da família real.



Figura 2 – Viagens de Arnaldo de Vilanova ligadas ao seu ofício de físico (1303-1311).

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Correspondência Oficial da Coroa de Aragão.

Assim, considerar o mar Mediterrâneo como lugar de trocas comerciais e culturais possibilita estudos das regiões e sociedades em suas margens a partir da perspectiva global mediante as conexões e as mobilidades entre África, Ásia e Europa. A esse respeito, considera-se que “Conhecimentos, ideias e habilidades eram transportados através do Mediterrâneo por meio de objetos e pessoas” (Sijpesteijn, 2019, p. 171).

O Mediterrâneo, no período em estudo, foi palco de constantes influências culturais cristãs, bizantinas, judaicas e árabes. O avanço islâmico não impediu o fluxo das rotas comerciais, mas acrescentou um novo intermediário: os muçulmanos. O Mediterrâneo compreendido como um espaço de unidade, coesão e também confrontos, destaca-se nesse contexto como palco do comércio envolvendo diferentes regiões em suas margens. As cidades comerciais nesses locais como Barcelona exercem papel de destaque no tecido econômico, social e político. Além disso, são pontos de encontro de diferentes povos e culturas (Aurell, 2008).

Nesse contexto, no Medievo, as viagens, sejam por questões religiosas como as peregrinações ou diplomáticas, comerciais ou bélicas ou para cuidar da saúde de reis eram parte do cotidiano. Assim, a análise do *corpus* documental selecionado para esse estudo, a correspondência oficial da Coroa de Aragão, permite-nos analisar o Mediterrâneo como espaço de encontros, desencontros, peregrinação, mobilidades, trocas comerciais e culturais e conexões.

Além da movimentação de pessoas ao redor do Mediterrâneo, havia também a circulação de obras e objetos. Assim, outro aspecto que as cartas nos permitem analisar refere-se ao interesse de Jaime II por questões de saúde, por exemplo, o seu empenho em adquirir obras de Medicina, incluindo escritos médicos compostos por Arnaldo de Vilanova, mormente aqueles voltados para sua própria saúde. Em 1305, quando foi a Barcelona durante o quadro crítico da enfermidade do rei, este solicitou ao físico um regimento especificamente para a sua saúde. Há duas cartas em latim nas quais o rei solicita o livro a Arnaldo. Na primeira missiva, datada de 1º de julho de 1308, percebe-se que o pedido já havia sido feito em cartas anteriores:

Ao venerável homem e prudente mestre médico Arnaldo de Vilanova, dileto conselheiro e amigo, cumprimentos e estima. [...] De resto, dirigimos recentemente a vós pedindo por cartas que a vós o dileto conselheiro e mestre racional da nossa corte, Petrus Boyl, apresentou, para que nos seja enviada a nova obra escrita por vós, chamada *Espelho da Medicina*, para a conservação da nossa saúde sem dúvida porque é desconhecida por nós, se as ditas cartas até vós tiverem chegado, pedimos a vossa providência novamente, já que a obra predita, seu Espelho da Medicina, para nós pela conservação de nossa saúde, como certamente observamos ter o que interessas, pelo vosso leal mensageiro enviais, estando nós cientes que a mesma obra a ninguém haveremos de mostrar senão com o vosso prévio consentimento, ao mestre Martí de Calça Roja, nosso médico. (Carta Régia I, 01/07/1308, p. 876-877).

Na passagem da carta acima, além da estima demonstrada por Jaime II ao médico e amigo, há uma confusão em relação às obras médicas arnaldianas. O rei menciona o *Speculum Medicine*, no entanto, esse não é o regimento intitulado *Regimen sanitatis ad regem Aragonum* que Arnaldo se comprometeu a escrever com preceitos dietéticos e exclusivos para cuidar da sua saúde do monarca. O *Espelho da Medicina* consiste, em suma, em um texto teórico denso, composto no mesmo período que o regimento de saúde para o rei e é uma das maiores obras de Arnaldo, fruto dos seus quarenta anos dedicados à Medicina. Ao ser mencionado na carta, pode tratar-se de confusão no que alude às duas obras. Mas a atenção que o monarca demonstrava pelo saber médico, presente na correspondência oficial da Coroa de Aragão, é reforçada por seu interesse por esse escrito médico.

A obra *Speculum Medicine*, como o próprio título sugere, é um espelho que reflete o ambiente e os saberes da Medicina acadêmica europeia entre o século XIII e o início do século XIV, período de vivência nos centros de formação médica e exercício da Medicina de seu autor. No escrito, Arnaldo aborda temas que lhe chamaram a atenção durante o período de estudo e também ensino na Faculdade de Medicina em Montpellier. Estruturado em cento e três capítulos, no *Speculum Medicine* o físico catalão apresenta a sua definição de Medicina como “a ciência de conhecer as disposições do corpo humano na medida em que ele pode ser curado e de preservar, tanto quanto possível, a saúde nele encontrada. E, portanto, com o objetivo de restaurar corretamente o que foi perdido é dividida em teórica e prática” (Arnaldo de Vilanova, 1308, cap. 1, p. 102).

Na carta, percebe-se ainda o anseio em manter esse escrito em sigilo, somente para o seu conhecimento e, no máximo, para o médico real (Martí de Calça Roja), e mesmo assim com a permissão do físico catalão. Essa preocupação em não divulgar a obra se explica também pela necessidade de não revelar os seus problemas de saúde e assim, evitar propagar uma imagem de fragilidade do rei, pois a saúde do monarca era compreendida como a do próprio reino. Em 15 de agosto de 1308, o monarca

escreveu novamente insistindo para que lhe encaminhasse a obra e mencionando as cartas enviadas anteriormente com o mesmo pedido:

Ao venerável, prudente e distinto mestre Arnaldo de Vilanova, dileto conselheiro e amigo etc [...] assim como já pedimos por outras cartas nossas, vos rogamos para que nos enviais o Espelho da Medicina, pois o próprio pretendemos ter, com efeito, dizemos a vós que a nenhuma pessoa o mostraremos exceto a quem vós desejares e se a nós tiveres concedido para ser mostrado. (Carta Régia I, 15/08/1308, p. 877-878).

Na mesma carta, o monarca solicitou que o físico preparasse o eletuário³, receitado para amenizar os problemas causados pelas hemorroidas e que o enviasse pelo mensageiro régio. Explicou que o remédio prescrito anteriormente estava acabando e que a pouca quantidade restante estava envelhecida e solicitou ainda a fórmula para que seu médico preparasse o medicamento, prometendo manter a composição em sigilo (Carta Régia I, 15/08/1308, p. 877-878).

A obra *Regimen sanitatis ad regem Aragonum*, estruturada em 18 capítulos, consta na lista de livros da Biblioteca de Arnaldo, em Valência, comprovada pelo inventário realizado em 1312. Foi enviada uma cópia para o monarca, entre os anos de 1308 e 1309, pois nesse período, a pedido da rainha, D. Blanca (1283-1310), o cirurgião da corte, Berenguer Sarriera, que atendeu a família real desde 1298 até a sua morte, em 1310, realizou a tradução do latim para o catalão do regimento de Arnaldo de Vilanova, com o objetivo beneficiar a todos que se dedicavam ao saber médico – ou, por ele, tinham interesse – mas não dominavam o latim. No prólogo, o tradutor teceu elogios ao mestre Arnaldo como conhecedor das várias maneiras de se conservar a saúde.

Em retribuição aos serviços prestados por Arnaldo, Jaime II concedeu ao seu médico plena posse de propriedades, rendas, honrarias e privilégios na cidade de Valência: “Nós Jaime etc, gratos aos serviços com prazer fornecidos por vós, [...] Arnaldo de Vilanova [...] a vós damos a permissão e plena posse, que podeis por autoridade própria, as casas, rendas, honrarias e outras possessões que tiverdes no território de Valência” (Carta Régia II, 8/4/1302, p. 27-28).

Ainda como privilégio ligado ao ofício e aos cuidados com a saúde do rei, o físico catalão recebeu também uma gabela de sal em Burriana⁴, ficando responsável pela sua administração a partir de 1300. Existem algumas cartas do rei aragonês e, igualmente, da rainha D. Blanca resolvendo questões atinentes a esse benefício concedido. Esse privilégio foi constantemente renovado. Em 1302, por intermédio de outra missiva, o monarca Jaime II concedeu plena licença ao seu médico para a venda do direito à exploração da gabela por quatro anos.

Nós, Jaime etc., concedemos e damos plena licença a vós, venerável e dileto conselheiro nosso, mestre Arnaldo de Vilanova, que aquele *violarium* do imposto de sal de Buriana que tens pela nossa doação e concessão, e que manténs e também governas, podeis por vós ou por vosso procurador vender por quatro anos continuamente a qualquer um ou a todos a que tendes vontade, e por qualquer preço. (Carta Régia II, 6/4/1302, p. 28).

Arnaldo de Vilanova circulava pelas cortes régias e pontifícia por questões ligadas à Medicina como cuidados com a saúde de monarcas e sumo pontífice. No caso do físico catalão, segundo Fagundes (2022), essa mobilidade era uma característica inerente ao próprio exercício do ofício que graças ao conhecimento obtido em mais de 10 anos de formação na Faculdade de Medicina em Montpellier, à experiência (*practica medica*) e também à sua atuação como mestre nessa mesma instituição, era solicitado para cuidar da saúde de reis e papas. Nesse contexto, esses três fatores concediam a esse “homem de saber”, conforme concepção de Jacques Verger (1999), a competência intelectual para a atuação em esferas que extrapolavam a área médica. Nessa perspectiva, e analisando as missivas, identifica-se

a mobilidade de Arnaldo também por motivos políticos e diplomáticos,⁵ atendendo aos interesses do rei Jaime II de Aragão, uma vez que nas cortes régias, a formação acadêmica fornecida, por exemplo, em centros de saberes como Montpellier, Paris e Bolonha passou a ser um requisito para a atuação no campo da diplomacia.

Esse termo relaciona-se a atuação de um embaixador na representação de um governante. Ao ser aplicado no contexto medieval, conforme afirma Babo Marinho (2020) e Lima (2016), o vocábulo diplomacia configura-se como *ad hoc*, pois na época essa prática não era entendida como um ofício ou uma profissão, diferente de outras atividades ligadas à administração régia. Nesse sentido, apesar da importância da função, a atuação do embaixador era temporária e circunstancial. Assim, envolvia membros que exerciam outras profissões como oficiais régios, clérigos, mercadores, físicos, etc.

A circulação do físico Guillem de Béziers entre a universidade de Lérida e a corte régia

Assim como Arnaldo de Vilanova, Guillem de Béziers também exerceu o ofício médico atendendo à família de Jaime II. No entanto, ao contrário do físico catalão, sua estadia no reino de Aragão relaciona-se inicialmente ao seu papel como mestre de Medicina na Universidade de Lérida, criada pelo monarca em 1300. A construção desse centro de saber esteve ligado à escassez em território aragonês de profissionais com formação acadêmica.

A escolha pela cidade para abrigar a Universidade é explicada sobretudo pela sua posição geográfica, na região central de Aragão, por conseguinte, seria um lugar de fácil acesso às principais cidades do reino. A criação dessa instituição ocorreu a partir de negociações diplomáticas e do apoio do papa Bonifácio VIII (1294-1303), que concedeu a Jaime II a permissão para instituir um *Studium generale* no lugar de sua preferência dentro do seu território:

[...] dirigimos nossas incumbências pelas quais as virtudes de quaisquer ciências que são honradas para os homens, sejam criados estudos junto a nós, principalmente para que nossos fiéis e súditos não se dirijam às nações estrangeiras para aprender, nem em outras das próprias regiões seja preciso mendigar. Portanto, com o santíssimo pai em Cristo e senhor dos senhores, papa Bonifácio VIII, por especial privilégio isto tenha ordenado a nós desejosos, concedeu a nós que, em outra cidade ou local de nossa terra, podemos fundar ou organizar o importante estudo geral, e que o mesmo estudo, depois que fosse organizado por nós, a ele contemplaria inteiramente com as mesmas graças, privilégios e indulgências que foram concedidos pela Sede Apostólica ao estudo de Tolosa, de modo que, no próprio privilégio, mais plenamente seja mantido: nós, pela zelosa obra e por mais certo plano sobre a escolha do lugar no qual o próprio estudo possa ser organizado mais apropriadamente, para a cidade de Lérida conduzimos. (Carta Régia II, 01/09/1300, p. 14-15).

Em relação à atuação de Guillem de Béziers na Universidade de Lérida, o primeiro documento que registra sua presença na cidade é datado de novembro de 1301 quando chegou em Lérida para assumir o cargo. Uma das primeiras providências do físico foi revisar os livros utilizados na Faculdade de Medicina. Assim, atendendo ao pedido do mestre, o monarca enviou oficiais para conseguirem alguns exemplares de Medicina, em árabe, pertencentes a judeus que viviam no reino.

Aos seus diletos e fiéis oficiais [...] Como o mestre Guillem Gaubert de Béziers ensina medicina no estudo de Lérida, para realizar a correção dos livros de medicina que ele tem, são necessários certas obras médicas árabes, que alguns judeus da nossa terra possuem, para que ele possa

então fazer as correções nos escritos que estão no dito estudo de Lérida [...] por isto a vós dizemos e mandamos que os livros de medicina escritos em árabe – os quais o citado mestre vos disse que estão entre algum ou mesmo alguns judeus de nossa terra – fazeis com que eles sejam trazidos e destinados dos próprios judeus, até que ele os tenha traduzido, ou até que ele tenha corrigido os livros citados com o uso dos mesmos; e que pelo próprio mestre sejam restituídos aos mesmos judeus os famosos livros árabes. (Carta Régia IV, 10/09/1302, p. 11).

Pela análise da correspondência oficial da Coroa de Aragão, identifica-se a presença e atuação de físicos judeus no reino aragonês. Considerando que o idioma árabe era um dos principais meio de transmissão do saber médico e muitos judeus eram tradutores de obras desse idioma, compreende-se, por exemplo, em 1296, o interesse do monarca Jaime II em contratar os serviços de tradutor do judeu de Saragoça, Vital Benvenist. A esse respeito, Joseph Shatzmiller (1994), em seu estudo sobre a atuação de físicos judeus na Península Ibérica, no sul da França e em outros espaços da Europa no Medievo, analisa a ampla participação de judeus no campo da Medicina e ressalta que a “história da língua hebraica e seu serviço à Medicina judaica durante a Alta e Baixa Idade Média é, em essência, a história do esforço para traduzir uma biblioteca científica completa do árabe par o hebraico” (Shatzmiller, 1994, p. 38).

As cartas relacionadas à presença e à atuação do físico Guillem Béziers em território aragonês foram selecionadas considerando os seguintes aspectos: a sua atuação como mestre na Faculdade de Medicina de Lérida; suas viagens para cuidar da saúde do rei e da família real; seus deslocamentos para fora do reino com o objetivo de comprar medicamentos para o monarca; as indicações apresentadas por Béziers de outros físicos para atender aos filhos do monarca. No mapa a seguir (Figura 3), observa-se as viagens de Guillem de Béziers partindo principalmente de Lérida onde vivia e atuava como mestre na Faculdade de Medicina.



Figura 3 – Viagens de Guillem de Béziers ligadas ao seu ofício de físico (1301-1304).

Fonte: Organizado pela autora e elaborado por Laís Naiara Gonçalves dos Reis, 2024.

A ênfase na análise das trocas epistolares entre o monarca Jaime II e profissionais do campo médico como Béziers nos permite investigar os deslocamentos desse físico por cidades do Reino de Aragão onde o rei com sua corte itinerante mantinha estadia. Tal abordagem relaciona-se à história conectada e das circulações.

Ao realizar o mapeamento das viagens de Béziers, mediante análise das cartas, identificamos sua circulação, sobretudo para as cidades de Valência, Barcelona, Tortosa e também para Jaca e Calatayud. No período em estudo, de 1301 a 1304, seus deslocamentos aconteciam principalmente no reino de Aragão, conforme demonstra o mapa acima com a representação de sete viagens do físico. Em relação ao conteúdo das cartas, observa-se que o deslocamento é sempre para atender ao monarca e sua família: em janeiro de 1302, sua presença é solicitada em Valência para acompanhar o parto da rainha dona Blanca; em junho de 1302, destaca a viagem para a cidade de Jaca com o objetivo de cuidar da saúde do rei; em agosto de 1302, solicita a Béziers a indicação de um físico para cuidar do infante Afonso que tinha 3 anos; em outubro de 1303, identifica-se carta pedindo para Béziers ir até Tortosa cuidar do rei e da rainha, etc. Há também missiva com teor ligado à compra de medicamentos em Montpellier ou aos pagamentos de soldos do físico.

Assim, em missiva, datada de 2 de janeiro de 1302, dois meses após a sua chegada em Lérida, foi solicitado ao físico Guillem de Béziers, que comparecesse, em Valência, para cuidar da saúde da rainha D. Blanca, comunicando que contava com a sua presença, desde que não causasse grandes transtornos ao ensino. Junto à solicitação, oferecia-se ainda o meio de transporte e o que o físico considerasse necessário para realizar a viagem.

Ao seu dileto mestre Guillem de Béziers, médico que ensina Medicina no Estúdio geral de Lérida, etc. A favor da preservação da nossa saúde e da saúde da ilustre senhora Blanca, rainha de Aragão e nossa caríssima consorte, determinamos que vós estejais presente em nossa cúria; assim, a vós afetuosamente rogamos que venhas pois até a nossa presença, vistos os presentes; se isto, contudo, puderes fazer comodamente sem grande detrimento do estudo; então agradecerás muito a nossa vontade. Além disso, nós escrevemos por outra carta nossa, ao nosso fiel Bernardo de Roderia, cidadão de Lérida, para que ele competentemente providencie a vós tanto cavalarias quanto outras coisas necessárias para vir até nós. (Carta Régia IV, 02/01/1302, p. 9).

No ano seguinte, em outubro de 1303, o rei solicitou novamente a presença do médico em Tortosa onde a família real estivesse para atender a rainha, a qual estava muito doente. E insistiu na presença imediata do físico devido à gravidade da doença.

Jaime etc. Para Guilherme de Béziers, estimado médico e amigo nosso, etc. Em razão da enfermidade da ilustre rainha de Aragão, nossa consorte, e do mal-estar que novamente sobrevém ao nosso corpo, nós vos consideramos indispensável, e por isso desejamos na verdade que vós estejais presente; assim rogamos com atenção e expressamente mandamos que vós, a fim de que com todas as atenções, venhas até nós em Tortosa ou em qualquer lugar em que estivermos; e isto não adieis por outra razão, que o perigo pode estar na demora. (Carta Régia IV, 23/10/1303, p. 11-12).

Mesmo atuando como mestre na Faculdade de Medicina em Lérida, sempre que necessário Jaime II solicitava que Béziers atendesse ele ou sua família. As viagens do físico a pedido do rei causavam inquietação nos poderes municipais e eclesiásticos da cidade, que expressavam ao monarca suas preocupações e solicitavam a volta imediata do médico ou a contratação temporária de outro professor para dar continuidade às lições.

Em fevereiro de 1304, Béziers viajou para Montpellier atendendo aos pedidos do rei. A ausência do mestre na Faculdade gerou protestos dos conselheiros de Lérida que recusaram efetuar o pagamento do seu salário. A situação foi resolvida mediante intervenção régia. Jaime II, em Valência, em carta data de 13 de fevereiro de 1304 e direcionada aos conselheiros de Lérida, explica que convocou o físico na corte e, em seguida, enviou-o para comprar medicamentos em Montpellier. Em relação ao ensino na universidade, recomenda que contratem outro mestre para continuar as aulas na ausência do físico até que ele retorne e ressalta que deverão manter o pagamento do salário de Béziers (Carta Régia IV, 13/02/1304, p.13).

Durante a estadia de um mês na cidade de Montpellier, o físico recebeu carta do monarca o informando dos problemas de saúde e solicitando o seu retorno e que recomendasse outro físico para o atender até a sua volta às terras aragonesas. Em 11 de março de 1304, o rei, na cidade de Calatayud, escreve novamente ao físico Béziers informando que “Queremos que saiba que recaímos na doença pela qual, como sabe, estivemos detidos em Valência” (Carta Régia IV, 11/03/1304, p. 14).

No dia 18 de março, identifica-se uma carta direcionada a outro físico e mestre em Lérida, Jacobus, recomendado por Béziers para durante sua ausência atender ao monarca que no momento se encontrava na cidade de Calatayud: “Ao ouvirmos sobre seu conhecimento e experiência, gostaríamos e ordenamos que você estivesse em nossa corte para cuidar de nossa saúde” (Carta Régia IV, 11/03/1304, p. 14). Do mesmo modo, Béziers atendendo ao pedido do rei, recomendou que o boticário de Barcelona, Pere Jutge, produzisse medicamentos para o monarca. E ainda no mês de março, o físico retornou de Montpellier para Aragão, conforme observa-se na figura 3, passando por Lerida e direcionando até Calatayud onde o rei se encontrava. No mesmo ano, em 1304, foi convocado novamente para atender ao monarca na cidade de Tortosa.

Um detalhe importante é que a correspondência em análise nos permite também compreender a preocupação do rei e da rainha com a saúde dos infantes. Desse modo, à guisa de exemplo, temos, em 1307, data fora do recorte selecionado, uma missiva de Dona Saurina de Beziers, responsável pelos cuidados de Constança, que escreveu ao monarca comunicando-o dos problemas de saúde da infanta que se encontrava no Castelo de Villena, localizado na província do Alicante. Em resposta, enquanto a rainha escreveu ao físico Guillemo de Valência, solicitando-lhe cuidados médicos durante todo o verão, Jaime II avisou a dama de companhia sobre os procedimentos para a contratação de um profissional da saúde para cuidar da filha “À nobre e estimada Dona Saurina de Beziers, etc. [...] em resposta comunicamos que nós escrevemos ao mestre Guillemo, médico de Valência, para que ele vá pessoalmente ao Castelo de Villena para cuidar da saúde de nossa ínclita filha Dona Constância” (Carta Régia III, 16/06/1307, p. 50).

Em relação ao período em estudo e às ligações com o físico Béziers, identifica-se uma carta sem data, composta por Teresa d’Urrea e enviada ao monarca Jaime II, relatando o processo de recuperação dos infantes Jaime e Alfonso que padeciam com febre muito alta. Na missiva, a priora de Sigüenza ressalta a atuação do físico Guillem de Béziers no tratamento dos infantes:

Altíssimo e poderoso senhor Dom Jaime, pela graça de Deus rei de Aragão e de Valência [...]. Eu dona Teresa d’Urea, humilde priora de Sigüenza, me recomendo em sua graça beijando suas mãos e como lembrança de quem atendo bem e misericórdia de todo o mundo [...]. A Vossa Majestade Real, senhor, faço saber que o senhor infante Dom Jaime e o senhor Infante Dom Alfonso tiveram uma febre muito forte e durou por um longo tempo nos causando grande medo [...]: então, o senhor, enviou o Mestre Gillem de Béziers. [...] eles estão bem e fora do perigo. E é de coração que o dito mestre Guillem fez e faz todos os dias o grande trabalho a que lhe foi dado e com a graça de Deus eles serão bem curados. (Carta Régia IV, sem data, p. 13).

No prólogo de sua obra, *Informatio scholaribus suis*, composta para seus alunos na Universidade de Lérida, Guillem de Béziérs destaca como primordial os cuidados que os físicos deveriam ter no tratamento das febres e indica também receitas de medicamentos para combatê-la. Assim, afirma que: “Já que é hora de praticar e vocês, os últimos estudiosos, serão os que mais ganharão no tratamento das febres, por isso quero falar um pouco sobre a prática para sua informação, embora o que vou dizer se encontre em livros, porém espalhado” (Guillem de Béziérs, Prólogo, p. 19). E no primeiro capítulo recomenda a conduta e os procedimentos para o cuidado com pacientes com febre:

Digo, portanto, que quando um físico é chamado para tratar das febres mais ardentes, porque é chamado para elas na maior parte, que no início ele deveria ter uma câmara subterrânea para o paciente, com porta e janelas voltadas para o norte, se ele puder. Se não puder, deverá resfriar artificialmente a câmara com folhas de videiras, salgueiros e rosas, que são colhidas pela manhã, antes do nascer do sol, antes que o ar fique superaquecido. E ele deve manter potes ou urnas cheias de água fresca e fria na câmara. (Guillem de Béziérs, Cap. 1, p.19).

Por fim, da análise dessas cartas se pode perceber para além de questões atinentes aos cuidados médicos do rei e de sua família, a presença de assuntos ligados ao pagamento de honorários para o físico Guillem e ainda a concessão de privilégios e presentes. Nas narrativas presentes nessas epístolas, observa-se um Medievo marcado pela circulação de pessoas, mas que era também um cenário em que, como afirma Sijpesteijn (2019, p. 174), “Produtos e objetos se moviam por meio de redes comerciais como objetos de trocas, mas outros motivos, tais como a peregrinação e as relações diplomáticas, também desempenhavam um papel”.

Considerações Finais

O saber adquirido pelos físicos em estudo no ensino universitário e também a experiência adquirida no exercício da Medicina outorgaram-lhes competência, autoridade e, conseqüentemente, confiança do paciente que lhes pagavam para cuidar de sua saúde. Partindo dessa premissa, compreende-se a análise das relações do rei Jaime II com os físicos Arnaldo de Vilanova e Guillem de Béziérs e sua preocupação com a criação da primeira universidade no território aragonês, demonstrando assim, a preocupação régia com a sua saúde, a de sua família, mas também a do reino.

Como homens de saber, Arnaldo de Vilanova e Guillem de Béziérs, ocuparam cargos importantes ligados a grandes autoridades de sua época. Foram a atuação e a experiência médica que possibilitaram a esses dois intelectuais tornarem-se físicos da família real em Aragão. Assim, mesmo sendo mestres nas Faculdades de Medicina, Arnaldo em Montpellier e Béziérs em Lérida, estavam em frequente circulação por vários centros de saber e de poder de sua época, cuidando da saúde do monarca Jaime II, atuando como embaixador do reino de Aragão e difundindo suas concepções atinentes ao saber médico mediante seus escritos.

Por fim, a partir da análise das cartas com foco na trajetória desses dois físicos na Coroa aragonesa, compreende-se, primeiramente, o papel das missivas na articulação entre a comunicação e a circulação no reino. Por outro lado, o seu estudo atesta as conexões e as mobilidades entre vários espaços na Europa, sobretudo em e para Aragão tendo, na maioria das ocasiões, o mar Mediterrâneo como protagonista nos deslocamentos dos físicos.

Referências

- ALMEIDA, Néri de Barros. Apresentação: um mediterrâneo Medieval. In: ALMEIDA, Néri de Barros; DELLA TORRE, Robson. (Orgs.). *O Mediterrâneo Medieval Reconsiderado*. Campinas, SP: UNICAMP, 2019, p. 07-14.
- AURELL, Jaume. *A cultura do mercador na Barcelona do século XV*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2008.
- BABO MARINHO, Duarte Maria Monteiro de. A diplomacia e os diplomatas na baixa Idade Média portuguesa (1431-1475), *Medievalista*[Online], 27,2020, pp. 1-32.
- CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. Uma História Global antes da Globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. *Revista de História*, [S. l.], n. 179, p. 1-19, 2020.
- ESTAL, Juan Manuel Del. *Itinerario de Jaime II de Aragón (1291 – 1327)*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2009.
- FAGUNDES, Maria Dailza da Conceição. A atuação do físico catalão Arnaldo de Vilanova em questões diplomáticas do Reino de Aragão (Séculos XIII e XIV). *Fênix* (UFU. Online), v. 19, p. 71-91, 2022.
- GARCIA-BALLESTER, Luís. Un reto para el Galenismo: mejorar la salud. *Artifex Factivus Sanitatis*: saberes y ejercicio profesional de la medicina en la Europa pluricultural de la Edad Media. Granada, 2004, p. 533 – 553.
- GARCIA-BALLESTER, Luís. *La búsqueda de la salud: sanadores y enfermos en la España medieval*. Barcelona: Ediciones Península, 2001.
- GARCIA-BALLESTER, Luís. Medical Ethics in Transition in the Latin Medicine of the Thirteenth and Fourteenth Centuries: New perspectives on the Physician- Patient Relationship and the Doctor's Fee. In: A. Wear, J. Geyer-Kordesch, R. French (Orgs.). *Doctors and Ethics: The Earlier Historical Setting of Professional Ethics*. Amsterdam-Atlanta, Ga., 1993, pp. 38-71.
- HAMESSE, Jacqueline. Le vocabulaire des florilèges médiévaux. In: WEIJERS, O. *Méthode et instruments du travail intellectuel au moyen âge*. Turnhout (Bélgica): Brepols, 1990, p. 209 – 230.
- LIMA, Douglas Mota Xavier de. *A diplomacia portuguesa no reinado de D. Afonso V (1448-1481)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- MALERBA, Jurandir. História da historiografia e perspectiva global: um diálogo possível? *Esboços*, Florianópolis, v. 26, n. 43, p. 457-472, set./dez. 2019
- MARTÍNEZ FERRANDO, J. Ernesto. *Jaime II de Aragón: su vida familiar*. Vol. I (Texto). Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1948, p. 1-47.
- MCVAUGH, Michael R. *Medicine before the plague: practitioners and their patients in the Crown of Aragon (1285-1345)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MCVAUGH, M. R. Guillem de Béziers and his informatio scolarius suis. *History of Universities*. Oxford: University Press, 2003, p. 01 – 33.
- NUTTON, Vivian. The Rise of Medicine. In: PORTER, Roy (Org.). *The Cambridge History of Medicine*. Cambridge: University Press, 2009, p. 41-70.
- ODIN, Fanny. La pratique épistolaire médiévale entre norme et liberté. *Camenae*, n° 2, 2008, p. 1-31.
- PANIAGUA, Juan A. e GARCÍA-BALLESTER, Luis. *El Regimen Sanitatis ad Regem Aragonum*. In: GARCIA-BALLESTER, Luís e McVAUGH, Michael R. (Orgs.). *Arnaldi de Villanova Opera Medica Omnia*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1996, p. 863-885.
- POMERANZ, Kenneth. *A grande divergência: a China, a Europa e a construção da economia mundial moderna*. Lisboa: Edições 70, 2013.
- SANTOS, Marco Aurélio. Comparando e integrando: entre o crescimento econômico, a história global e a grande divergência. *Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 44, p. 115-129, 2020.
- SHATZMILLER, Joseph. *Jews, medicine and medieval society*. Los Angeles: University of California Press, 1994.
- SIJPESTEIJN, Petra M. O Suq mediterrâneo: comércio e trocas ao redor do Mediterrâneo (600-1200). In: ALMEIDA, Néri de Barros; DELLA TORRE, Robson. (Orgs.). *O Mediterrâneo Medieval Reconsiderado*. Campinas, SP: UNICAMP, 2019, p. 153-195.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Impérios em concorrência: histórias conectadas nos séculos XVI e XVII. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. São Paulo: EDUSC, 1999.

WALLIS, Faith. *Inventing Diagnosis: Theophilus' De urinis in the Classroom*. *Dynamis*. Granada, v. 20, 31-73, 2000.

Fontes

ARNALDO DE VILANOVA. *Speculum Medicine* [1308]. In: MCVAUGH, Michael R. (Org.). *Arnaldi de Villanova Opera Medica Omnia*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2018, p. 101-353.

ARNALDO DE VILANOVA. *Tractatus de Intentione Medicorum* [1290]. In: MCVAUGH, Michael R. (Org.). *Arnaldi de Villanova Opera Medica Omnia*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1999, p. 97 – 126.

CARTAS RÉGIAS I – Correspondência Oficial da Coroa de Aragão. In: FINKE, Heinrich. *Acta Aragonensia*. Vol. II. Berlim, 1908, p. 871-898.

CARTAS RÉGIAS II – Correspondência Oficial da Coroa de Aragão. In: RUBIO y LLUCH, Antoni. *Documents per l'Historia de la Cultura Catalana Mig-eval*. Vol. I. Barcelona, 1908, p. 1 -57.

CARTAS RÉGIAS III – Correspondência Oficial da Coroa de Aragão. In: FERRANDO, J. Ernesto Martínez. *Jaime II de Aragão: su vida familiar*. Vol. II (documentos). Barcelona: Cosejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1948, p. 1 – 47.

CARTAS RÉGIAS IV – Correspondência Oficial da Coroa de Aragão. In: MCVAUGH, M. R. Guillem de Béziers and his *informatio scholaribus suis*. *History of Universities*. Oxford: University Press, 2003, p. 01 – 33.

GUILLEM DE BÉZIERS. *Informatio scholaribus suis*. In: MCVAUGH, Michael R. et al. Guillem de Béziers and his *Informatio scholaribus suis*. In: *History of universities*, 18/2, 2003, p.18-29.

Notas finais

¹ O termo *auctoritates* é utilizado para designar um conjunto de escritos e citações passíveis de serem conhecidos. Durante medievo, os termos *auctoritas* (autor) e *auctoritates* (textos) apresentavam-se intimamente ligados. Neste sentido, estes diziam respeito a um autor/texto que mereciam e deveriam ser lidos e apreendidos.

² O primogênito, D. Jaime (1296), Maria (1297), Alfonso (1299), Constança (1300), Isabel (1301), Juan (1302), Branca (1302), Pedro (1305), Ramón Berenguer (1308) e Violante (1310).

³ Medicamento de consistência líquida, feito com pós que eram misturados em diversas substâncias, como mel e xaropes.

⁴ Burriana localiza-se no município da comunidade Valenciana (Espanha) e fica a 53 quilômetros da cidade de Valência.

⁵ Na esfera política, por exemplo, Arnaldo na atuação como embaixador dos monarcas de aragoneses, realizou várias viagens em missões diplomáticas: na corte francesa, em 1299, esteve presente na negociação com o rei Felipe IV, o Belo (1285-1314), representando os interesses de Jaime II em relação a problemas fronteiriços.

Submetido em: 26/03/2024

Aceito em: 10/08/2024